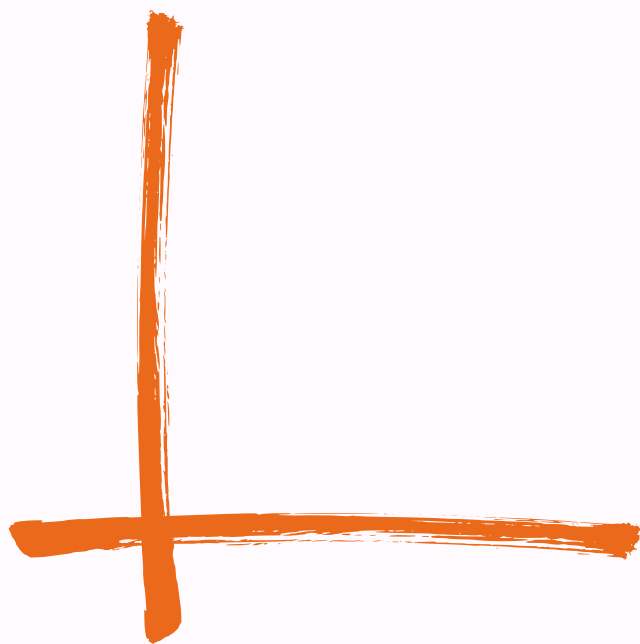
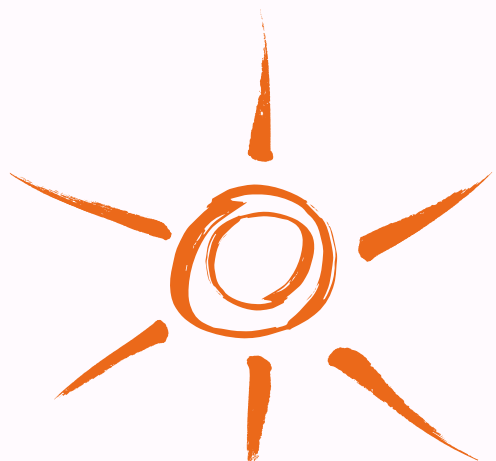




||+||

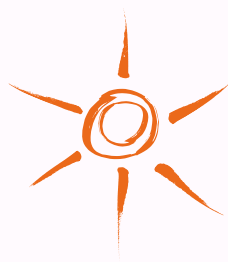
||+||

||+||

||+||

||+||

||+||



*... com inocência,
curiosidade e
um pouquinho de imaginação,
Ila, minha criança...
uma única pergunta
foi o suficiente, e agora,
através do Espírito Santo,
também é.*

“Se versos são somente histórias,
que o que se veste, e o que se come, nada sejam que somente histórias,
e que seja todo o mundo só uma história
e seja só uma história o homem feito de sopro e argila”

Onde eu vivo de verdade? Onde passo a maior parte do tempo que eu mesmo faço existir? No presente silencioso e indefinido de cada instante, ou no fluir sem cessar das imagens e dos pensamentos que se formam em minha mente?

Eu sinto já ter aprendido que vivo apenas nos caminhos por onde segue a minha atenção, e nunca em nenhum outro lugar... E imaginar as coisas seria então o quê? Seria uma forma de pensar, de criar, de contemplar ou uma forma de aprender? Imaginar é deixar que a atenção se vá por qualquer caminho, ou eleger o caminho e só aí deixá-la seguir? Haveria alguma diferença? Alguma diferença entre aquilo que se quer e em ser livre para querer?

E o pensamento – ele é feito do quê? Não falo do seu rastro, do que dele se condensa como vestígio eletro-bioquímico do que já foi é não é mais. Não, não isso – isso não me interessa. Não me interessa já há muito tempo. Eu pergunto do pensamento, ele mesmo, antes de ser matéria e de ser passado, ocorre onde, é feito do quê? Do mesmo tecido primitivo de toda a criação? Uma espécie de onda feita no nada oceânico das transversais do tempo, inseparável da sua origem e de todas as outras ondas que infinitamente se formam, a partir umas das outras? Seria aqui a passagem?

A passagem para compreender como o que é feito só de pensamento, é também o que eu vejo, escuto e sinto como sendo o mais verdadeiro. E que é de todos e de cada um, porque está sempre em mim mesmo. Será que já tenho algo aqui para trabalhar?

Há uma ideia de que, ao não existir tempo concretamente, o universo se recriaria a cada momento, e com isso, toda a sua história até ali. E daí eu me pergunto: essa história seria sempre a mesma? E se tudo que sabemos não for a história do que se passou, mas a história do que acabamos de imaginar? Acho que estou um pouco confuso... Ila, você teria uma história para me contar?

O MAIS BELO CONTO DE FADAS

_Era uma vez uma Criatura gerada através da Própria Extensão do Seu Criador. Um Filho estendido à Imagem e Semelhança de Seu Pai, uma Mente Una, compartilhando, em um único Sopro, toda a Santidade eternamente presente em Sua Criação.

_ Deus Pai e Seu Filho santo?

_ Sim... o Fluxo do Amor em Ação. Até que, de repente...

_ Até que, de repente, o Filho se percebe separado! Como e por que Ele fez isso?

_Na Vastidão de Deus, a Liberdade não é um conceito separado, mas a Própria Natureza do Amor em Ação. Ela é o estado natural do Filho de Deus, que jamais perderá a Plenitude do Seu Ser. A Liberdade é a Certeza de que nada pode alterar o que Deus criou perfeito e eterno. Assim como um raio de luz não pode ser separado do sol, a Liberdade não pode ser separada do Amor que A concebeu. E o Filho em Sua perfeita Liberdade pensou “E se eu...?”

E, por um instante, o Filho acreditou em um pensamento impossível. Ele concebeu que pudesse criar algo separado do Fluxo da Sua Própria Criação... e, para experimentar o impossível, o Filho adormece em um sonho de morte.

*_Ele sonha que cria à parte do seu Pai... e aí nasce o ego?
_Na decorrência de um pensamento de dúvida sobre a realidade da Unidade – “E se eu...?” – o medo e a culpa parecem ser uma conclusão lógica, esse é o equívoco... a ilusão é percebida como algo real. E assim, nasce uma pequenina ideia insana: a crença na separação. Esse é o ego.*

_E nesse Instante, num Instante Santo, como todos os Instantes são, Deus cria o Espírito Santo...

_Sim... o Espírito Santo é o Guia para a Lembrança do Pai... na história de João e Maria, João não deixa um rastro de pequenos pedaços de pão, mostrando o caminho percorrido para que, por ali, ele e sua irmã possam voltar?

_E o corvo come os pedaços de pão...

_Sim. O ego é o corvo que devora as migalhas... é o sonho que apaga qualquer sinal da Verdade. Seu desejo é manter o Filho perdido no meio de uma floresta amedrontadora, cheia de sombras, onde uma bruxa chamada morte – com aparência, cheiro e gosto de guloseimas – o espreita em toda a sua jornada.

_Você é muito boa em contar histórias... seguimos?

_Sim... o Espírito Santo... Ele é o portador da Visão do Cristo, da Visão do Filho que renasce em Deus. O Filho que lembra do Caminho já percorrido sem precisar mais das migalhas... a Lembrança é tão clara que não existe dúvida... o Filho não se percebe mais sozinho, nem perdido, nem dependente das migalhas tão atrativas ao corvo...

_O corvo pode ou não comer as migalhas... tanto faz!

_Sim. Esse é o Poder do Espírito Santo. Ele é a Resposta para todo pensamento de dúvida do Filho santo de Deus.



_E o Perdão?

_O Perdão oferece um único Propósito para todos os pensamentos de ilusão do Filho... o Perdão une o que parece separado... como se houvesse duas mentes: a que sonha e a que desperta. Por isso, “a Comunicação” parece necessária. O Propósito reflete sempre o Sopro de Amor que contém toda a Santidade Daquela que ainda dorme ao lado de Seu Pai. O Perdão é a Cura para a percepção da existência à parte do Pai; é a Cura para toda percepção de separação.

_E o corpo?

_Ah sim... o corpo... já havia me esquecido...

O corpo é a encarnação física do desejo do Filho em sonhar a separação. Como uma ideia insana poderia manter o Filho santo adormecido? Como uma ideia insana poderia manter todo um Fluxo de Pensamento esquecido? Pela crença. A crença através da percepção limitada, fragmentada por algo que molde, que formate, que limite, que aprisione, que pareça, mas não seja. A crença num impostor. Um impostor de Deus.

O corpo sente frio, calor, dor, fome, raiva... amor. Sim, o ego além de mentiroso, é um ladrão. Outros furtos? Fé, razão, vida, realidade, criação... A lista é longa. E assim, a crença mantém a percepção da mente separada, sozinha e incapaz de alcançar outras mentes, a não ser através desse mesmo corpo, criado para que o sonho não chegue ao fim.

_Um pensamento para matar Deus, através do Seu esquecimento total... e o mundo reflete isso?

_A criação sempre refletirá o seu criador. Se você acredita estar à parte Dele, como será a sua criação? Uma grande ilusão... tudo criado a partir de uma ilusão, de um pensamento não amoroso, não passará de ilusão.

_Uma floresta onde eu e o meu irmão vivemos presos e perdidos... onde criamos a necessidade por guloseimas, pela morte e pelo caçador que, por sorte, passa por ali... eu não desejo esquecer Deus... quem desejaria?

_Por isso estamos aqui. Porque sabemos Quem você é e sabemos onde você está exatamente neste Instante. Nós conhecemos a Sua Inocência. A Sua Lembrança de Deus não está esquecida na Minha. Eu sei que você é o Filho santo de Deus, porque Eu Sou e não tenho dúvida alguma a respeito disso.

_E o final da nossa história? Quem será o caçador que chegará para salvar este mundo?

_Não precisamos continuar contando essa história. Ela acaba aqui. No Silêncio, onde a mente aquieta-se para finalmente presenciar a Sua verdadeira Identidade. Ela interrompe esse conto de fadas. Ela silencia o pensamento que A fez sonhar. Esse é o fim. Quando o Filho volta-se novamente para o seu desejo e escolhe a Realidade.





O CAMINHO DE UMA ESTRELA

E Jesus, sentou-se ao meu lado
com um sorriso à beira de um Instante...
e o sorriso logo me pareceu
como um convite silencioso,
um gesto sutil de Quem
repousa na Certeza de que,
sem esforço,
eu logo veria o mesmo que Ele:

- _ *Desenhe uma estrela sobre a ponta do meu dedo.*
- _ Farei uma com seis pontas... uma homenagem.

E assim que tracei a última linha,
fechando o desenho em sua totalidade,
um único corpo fluindo em seis pontas...
Ele falou:

- _ *Posso te contar a história dessa estrela?*
- E com o mesmo sorriso esboçado, respondi:
- _ Sim.



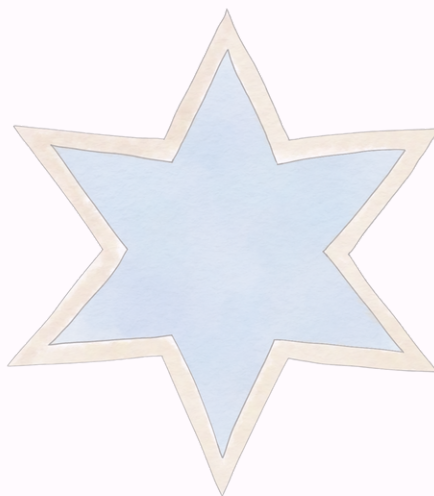
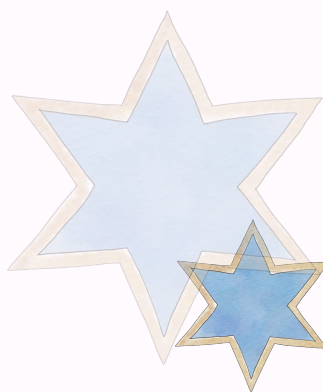


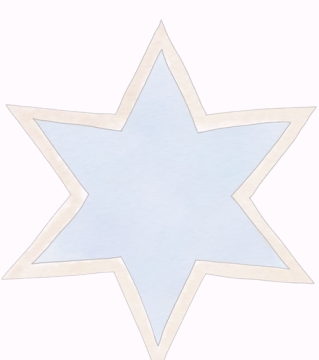
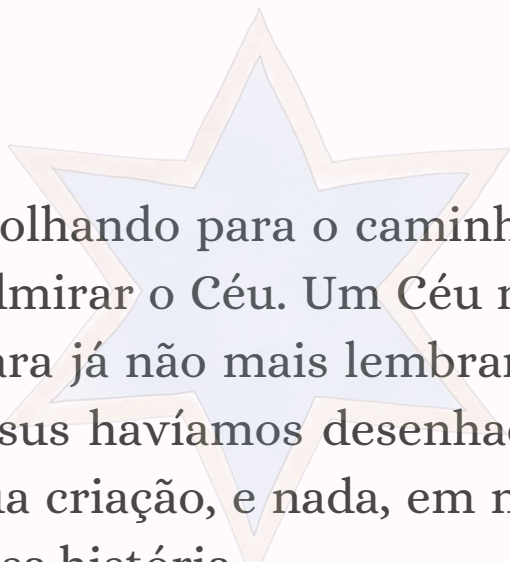
*Aqui, sentados,
desenhamos uma estrela
que cabe na ponta de um dedo...*

*ela é tão inocente...
que se eu soprar
com um sopro
tão doce quanto ela...*

*a estrela subirá.
E lá na Casa de todas as Estrelas...
ela chegará.*

*E quando lá,
Ela brilhar...
a Casa de todas as Estrelas
se chamará Céu.*

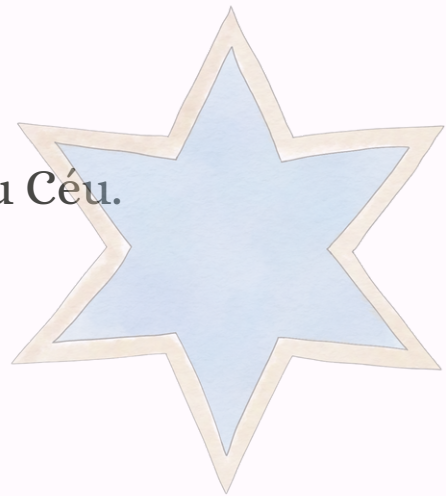




E olhando para o caminho percorrido pela Estrela, pude admirar o Céu. Um Céu repleto de outras tantas estrelas para já não mais lembrar qual delas era aquela que eu e Jesus havíamos desenhado juntos. Ela era Uma desde a sua criação, e nada, em momento algum, poderia alterar essa história.



E agora,
lá na sua Casa,
Ela brilhava forte,
e mais forte
e cada vez mais forte,
pois refletia somente a Luz do Seu Céu.



PRATYABHIJÑĀ

PARTE I: EXISTÊNCIA E CRIAÇÃO

Era uma vez... o Silêncio.

O Silêncio...

era tão vivo, tão feliz, tão brilhante,
que dançava no ar, sereno e vibrante.

Esse Silêncio era Deus a pensar,
com tudo o que Ele podia criar.

Tão cheio de Amor, tão cheio de Luz,
Seu Coração transbordou... e reluz!

E desse transbordar, nasceu um Pensar:
um Pensamento que veio brilhar.

E o Pensamento era puro Amor,
do tipo que dança, que ri, que tem cor.

O Amor quis sorrir, quis se revelar,
quis ser mais ainda, quis se multiplicar.
E foi nesse instante, tão doce e sutil,
que Deus criou Seu Filho gentil.

Mas não foi com mãos ou ferramentas,
nem com tijolos, planos ou tentas.
Foi como uma chama que acende outra chama
e ambas se tornam a mesma flama.

Foi como um Sol que espalha calor,
sem dividir, só dando Amor.
E o Filho brilhou com a mesma Verdade:
feito da Luz da Eternidade.

PRATYABHIJÑĀ

PARTE II: SEPARAÇÃO E PROJEÇÃO

Mas o Filho tão livre, com tanta vontade,
quis tentar algo mais que a Eternidade,
não porque faltava o que amar,
mas só pra ver se havia um “outro” lugar.

E ao olhar pra longe, inventou um cenário,
com tempo, com medo, com um dicionário.
Chamou de “mundo” o que era só véu,
esqueceu que vivia no Céu.

Fez formas e nomes, criou direção,
e com isso esqueceu do seu coração.
Começou a pensar que andava sozinho,
e que Deus morava bem longe... no altinho.

Mas Deus nunca muda, nem sai de onde está,
e o Amor que Ele é... não deixa de amar.
Então Ele soprou uma Luz bem levinha,
um Sopro sagrado, uma Voz tão fininha...

Chamaram de Espírito Santo por aqui,
mas é só Deus dizendo:
“Eu ainda estou em ti.”

E mesmo no sonho mais longo e fechado,
essa Voz está perto, calma ao teu lado.
Dizendo baixinho, sempre com carinho:
“Filho, Meu Filho... vem pra Casa, é pertinho.”

PRATYABHIJÑĀ

PARTE III: COMUNICAÇÃO SANTA E REDENÇÃO

E um dia, no meio do sonho cansado,
o Filho escutou um som delicado.
Não era de fora, não vinha do Céu,
era um som de dentro, sem tom, sem papel.

Era a Voz que nunca o deixou,
que mesmo em silêncio... sempre cantou.
E o Filho lembrou, com o peito apertado:
“Eu nunca estive separado.”

As formas caíram, o medo também,
só ficou o Amor... e ninguém mais além.
Ele viu com clareza:
não há dois, nem três...

Só existe o Um que é Amor de uma vez.
Voltou a sorrir como antes sorria,
sem precisar entender, sem pedir garantia.

E ouviu no seu peito, como num abraço:
“Bem-vindo de volta...
sempre estivemos no mesmo espaço.”

Deus nunca foi longe, nunca foi depois.
Sempre foi Agora, sempre foi Nós Dois.
E o Filho, desperto, agora enfim viu:
O Amor nunca parte... Ele só se expandiu.



www.2000editions.com